7ª JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DO IFSULDEMINAS
4º SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO
12 de novembro de 2015 | Poços de Caldas - MG

Violência obstétrica: o contraponto ao cuidado

Yeda Maria ANTUNES DE SIQUEIRA[1], Ludmila DE OLIVEIRA RUELA[2], Clícia VALIM CÔRTES GRADIM[3]

Resumo

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica cuja busca foi realizada nas bases de dados LILACS, sendo selecionados oito artigos de autoria de pesquisadores brasileiros estudiosos sobre o tema violência obstétrica, publicados a partir de 2005. Esta pesquisa teve como objetivo analisar através da literatura as principais formas de violência obstétrica sofrida pelas mulheres brasileiras. A análise dos textos demonstrou que as mulheres vêm sofrendo, ao longo dos tempos, inúmeras formas de violência durante a assistência ao parto, tendo como as principais a negligência, a violência física, a violência verbal e o abuso sexual. Com isso, o estudo apresentou que a violência obstétrica é uma realidade vivenciada pelas mulheres em nossa sociedade. E esta violência é o reflexo das relações de poder exercida sobre as mulheres, sendo que os profissionais de saúde, por considerarem-se os conhecedores do processo, impõe seu poder sobre a mulher, promovendo com isso, a violência. Esta violência é o contraponto do cuidado, que deveria ser o pilar principal da assistência prestada à parturiente. Diante do exposto, o presente estudo nos apresenta a importância na mudança de condutas dos profissionais que assistem aos partos, e que esta conduta seja pautada nos princípios da humanização.

1. Enfermeira obstetra. Docente do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS – Câmpus Passos. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UNIFAL-MG. yeda.siqueira@ifsuldeminas.edu.br
2. Enfermeira Obstétra. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UNIFAL-MG. Alfenas – MG. ludmilaoliveira.r@hotmail.co
3. Phd em Enfermagem. Professora titular da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

Introdução

No Brasil, até meados do século XIX o parto era evento estritamente familiar e doméstico. Esse cenário começa a sofrer alterações no século XX impulsionado pela instituição do ensino da obstetrícia nas faculdades de medicina, e com isso, inicia-se todo o processo de medicalização do corpo feminino.

Com o advento da medicalização do corpo feminino, o parto domiciliar, como evento familiar e feminino tornou-se um acontecimento exótico e fora de hábito no contexto urbano[2].

Mesmo com a institucionalização, o parto continua sendo um evento social e de grande importância para o grupo envolvido. E por ser, na grande maioria das vezes, um processo orgânico e fisiológico, o papel do profissional de saúde deveria ser o de cuidar e acolher. Mas a literatura vem mostrando que estes profissionais que deveriam ser os cuidadores estão expondo as mulheres a diversas formas de violência.

Habitualmente as mulheres são expostas a quatro tipos e violência durante a assistência obstétrica: a) negligência, b) violência verbal, c) violência física e d) abuso sexual.

A violência obstétrica é um ponto crucial da assistência obstétrica e como já foi mencionado anteriormente, inúmeros estudos vem apresentando e analisando esta vertente da assistência ao parto.

Desta forma, este texto tem como objetivo analisar através da literatura as principais formas de violência obstétrica sofrida pelas mulheres brasileiras.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica cuja busca foi realizada na base de dados LILACS, realizada em setembro de 2013, sendo selecionados textos publicados a partir de 2005. Os descritores utilizados foram: Violência contra a mulher, gênero e saúde e obstetrícia. Foi utilizado como critério de inclusão artigos que referiam violência obstétrica sofrida por mulheres brasileiras publicados na língua portuguesa. Foram excluídos os artigos de revisão e artigos on-line não disponíveis na íntegra. Desta forma, 4 artigos de autoria de pesquisadores brasileiros estudiosos sobre o tema violência obstétrica compuseram a amostra do estudo. Para a análise dos artigos foi estruturado um instrumento para a coleta de dados, composto por autor, nome do artigo, ano publicação e principais resultados.

Resultados

A assistência ao parto frequentemente está associada a ações de violência contra as mulheres. Constantemente, direitos humanos e reprodutivos das mulheres são violados durante a assistência ao parto. Tal fato ocorre principalmente, pois a formação dos profissionais de saúde e a estruturação dos serviços estão permeados por preconceitos. Com isso, as condutas desnecessárias que muitas vezes as mulheres são submetidas, são exercidas naturalmente, tornando normal esta prática.

A análise dos textos descritos no quadro abaixo, nos apresentou que a mulher em trabalho de parto habitualmente pode sofrer quatro tipos de violência: negligência, violência verbal e física e abuso sexual.

	NOME DO ARTIGO	ANO	PRINCIPAIS RESULTADOS
A	A violência institucional no parto em maternidades brasileiras: uma análise preliminar de dados da pesquisa de opinião pública Mulheres Brasileiras e Gênero nos espaços Públicos e Privado 2010	2012	Pesquisa realizada com 2.365 mulheres com idade a partir de 15 anos em todo território nacional. Quando indagadas sobre a percepção de maus tratos durante o parto apenas 12% responderam afirmativamente, e quando as formas de violência eram explicitadas 25% reconheceram que sofreram tais violências. Os resultados revelaram que a violência é mais evidente nas instituições públicas (27%) do que nas privadas (17%). A violência física foi percebida por 17% das entrevistadas, seguidas pela negligência (14%), violência verbal (12%) e abuso sexual (1%).
B	Violência institucional em maternidades públicas sob a ótica das usuárias.	2011	Pesquisa realizada com 21 puérperas usuárias de uma maternidade no município de São Paulo. As mulheres experimentaram sentimentos distintos e contraditórios como: a felicidade pela chagada do bebê e o medo de morrer, o desejo de cuidar do seu bebê bem como o de ser cuidada pela equipe, a confiança de que o hospital é um lugar seguro e a desconfiança de que se é maltratada impunemente nas maternidades públicas
C	Gênero, saúde materna e o paradoxo perinatal	2009	O texto aponta o paradoxo existente entre maior acesso às tecnologias e menores resultados maternos e neonatais, sendo que no Brasil convivemos com o pior dos dois mundos: o adoecimento e a morte por falta de tecnologia apropriada, e o adoecimento e a morte por excesso de tecnologia inapropriada. O contraste entre as evidências de segurança e efetividade e

			as práticas de assistência ao parto no Brasil determinado pelo conflito de interesses. A naturalização do sofrimento e do dano iatrogênico, pois os profissionais praticam intervenções perigosas e desnecessárias e quando o dano ocorre, responsabilizam o *parto em si*, caracterizando a iatrogenia como evento "natural" do parto
D	Violência consentida: mulheres em trabalho de parto e parto	2008	Entrevista realizada com 33 mulheres no Centro obstétrico de um Hospital-escola no sul do país. Foram relatadas atitudes graves de não cuidado durante a assistência ao parto, citadas como indiferença, insensibilidade, falta de orientação, ausência de privacidade devido ao grande número de pessoas (profissionais) no quarto, toques vaginais repetidos por vários profissionais, exposição do corpo, imposição dos saberes e conhecimentos por parte dos profissionais.

A negligência está associada à "falta de cuidado", uso inadequado das tecnologias existentes ou até mesmo a não utilização destas tecnologias quando necessário.

O artigo A, apresenta um estudo realizado na cidade de São Paulo que registra que menos de 10% das mulheres que morreram por eclampsia, foram tratadas com Sulfato de Magnésio, sendo este e tratamento mais eficaz e de baixo custo recomendado pelo Ministério da Saúde.

A violência verbal, segundo os quatro artigos analisados é mais frequente na rede pública do que na privada. Esta violência se caracteriza por jargões pejorativos e moralistas como, por exemplo: "na hora de fazer você não chorou e/ou chamou a mãe", "para de gritar senão seu bebê vai nascer surdo", "achou que era fácil ser mãe?"

Entende-se como violência física aquela que impõe à mulher, dor e sofrimentos desnecessários. Os principais relatos de violência física durante a assistência ao parto são os toques vaginais repetidos e às vezes realizados por mais de um profissional, a negação ou simplesmente não oferecer métodos de alívio da dor durante o parto, a episiotomia e a cesariana desnecessária e ou não desejada.

Culturalmente, a genitália, principalmente a feminina, deve ser escondida, protegida. No entanto, durante o trabalho de parto as mulheres são expostas sendo "obrigadas" a se expor intimamente para várias pessoas. Esta prática imprime

constrangimento e desconforto a muitas mulheres, inibindo inclusive, o andamento fisiológico do trabalho de parto. Além dessa exposição, a manipulação da genitália durante exames ginecológicos, principalmente por homens, pode ser percebida pela mulher como abuso sexual.

Conclusões

Os achados da presente revisão apontaram que a violência obstétrica é uma realidade vivenciada por muitas mulheres em nossa sociedade, sejam em instituições públicas ou privadas. E estas condutas violentas, tem impactado seriamente a saúde das mulheres.

As principais formas de violência sofrida pelas mulheres durante a assistência ao parto mencionadas nos estudos foram a negligência, a violência física, a violência verbal e o abuso sexual.

Esta violência, como vimos, está diretamente ligada às relações de poder exercida sobre as mulheres e que os profissionais de saúde, detentores do saber, exercem este poder submetendo as mulheres aos mais diversos descuidados.

Quando o profissional trata a "vitima" como objeto, sendo incapaz de reconhecer sua dor, seu sofrimento, exigindo que a mesma aja contra seus desejos, faça o que não concorda, o que moralmente não aceita, este "agressor" avilta a liberdade da pessoa, violando seus direitos humanos.

Boff afirma que "[...] cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e envolvimento afetivo com o outro [...]"[1].

Quando o profissional age com violência, transforma o outro em objeto e consequentemente se desumaniza.

Humanizar-se é um evento constante que requer mudanças e adaptações a cada cuidado e com cada indivíduo. E o contraponto da violência é o cuidado. E só é capaz de cuidar aquele que reconhece a igualdade de direitos, que respeita e é solidário aos sentimentos dos outros.

Referências

Textos da Revisão

A – VENTURI Jr. G, AGUIAR JM, HOTIMSKY SN. A violência institucional no parto em maternidades brasileiras: uma análise preliminar de dados da pesquisa de opinião pública Mulheres Brasileiras e Gênero nos espaços Públicos e Privado 2010. In: Cobeon 2012.

B – AGUIAR JM, D'OLIVEIRA AFPL. Violência institucional em maternidades públicas sob a ótica das usuárias. Rev interface comunicação saúde educação v.15, n.36, p.79-91, jan/mar.2011.

C – DINIZ SG. Gênero, saúde materna e o paradoxo perinatal. Rev Bras Crescimento e Desenvolvimento Hum. 2009; 19(02):313-326.

D – WOLFF LR. Violência consentida: mulheres em trabalho de parto e parto. Saúde Soc. São Paulo, v.17, n.3, p.138-151, 2008.

Bibliografia

1- BOFF L. Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra. 10ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

2- VIEIRA EM. Parte I – História, política, conceitos: a medicalização do corpo feminino. In: Questões da saúde reprodutiva [online]. GUIFFIN, K., E COSTA, SH., (org). Rio de Janeiro: editora FIOCRUZ, 1999.